

Agroecologia é Vida

A agroecologia é integradora de vários saberes e de muitas lutas, possui em seu cerne o compromisso de romper com paradigmas, que ao longo do tempo oprimiu diferentes grupos identitários, como jovens, comunidades tradicionais, grupos étnicos-raciais e as mulheres. Sua natureza de campos variados questiona padrões, projetos e sistemas políticos. Não basta pensar alimentação saudável, é preciso pensar a vida a partir de suas diversidades, com acesso igual e democrático a todas as políticas públicas, assim como saúde e educação de qualidade, entre outras.

As mulheres enquanto guardiãs da vida e da biodiversidade, precisam está na base dessa construção, protagonizando, potencializando, rompendo, construindo e desconstruindo. E o Movimento de Organização Comunitária (MOC) ao logo da sua caminhada, atua a partir dessa perspectiva e linha de defesa, afinal, pensar um Sertão cada vez mais justo, precisa passar pelas mãos e pelas trincheiras de lutas, quais as mulheres estão à frente.

O MOC acredita na potência feminina, na capacidade de revolucionar as bases reconsiderando as relações, fortalecendo espaços e/ou construindo outros, reconhecendo os desafios a serem superados e celebrando as conquistas obtidas.

São inúmeras ações que vem aos poucos dialogando com as mulheres, entre elas Mulheres das Águas, Amigas da Caatinga, ATER, assim como campanhas de enfrentamento as violências de gênero, à exemplo da última que teve como tema: **“Sozinhas nunca: Juntas pelo fim da violência contra meninas e mulheres”**, e vários espaços formativos que contribuem direta ou indiretamente para a garantia e a conquista de direitos, mas acima de tudo para a valorização da vida.

Ao resgatar uma das falas da escritora caribenha-americana, feminista, Audre Lorde onde ela diz: **Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas**. É importante lembrar, que não haverá agroecologia, justiça social e nem igualdade enquanto houver mulheres excluídas, silenciadas e invisibilizadas por uma sociedade que mantém a herança patriarcal e machista como bases para as relações.

Por isso, a ideia aqui é dialogar com as histórias de potências desse Sertão, mulheres, mães, lideranças, agricultoras, cada uma com suas especificidades, suas singularidades, mas que carregam em suas essências a força do feminino, de um corpo cíclico e rítmico que transportam uma relação milenar e ancestral com a natureza.



BOCAPIU

CONTANDO EXPERIÊNCIAS POR UM SERTÃO JUSTO



Expediente

Realização: Movimento de Organização Comunitária/MOC - **Coordenação:** Setor de Comunicação do MOC - Alan Suzarte e Kívia Carneiro - **Reportagem:** Kêu Silva (Juventudes MOC) e Selma Glória (MOC) - **Fotos:** Robervânia Cunha e Pedro Henrique Caldas - **Diagramação:** Kívia Carneiro - **Fale Conosco:** MOC - Rua Pontal, nº 61, Cruzeiro, Feira de Santana - Bahia - CEP: 44022-052 - Tel. (75) 3322-4444 - **Fax** (75) 3322-4401 - **E-mail:** comunicamoc@moc.org.br
Site: www.moc.org.br

Apoio





MULHERES E AGROECOLOGIA

A Agroecologia é uma ciência multidimensional, que pensa a transição para além da técnica-agronômica, sua perspectiva integradora e holística, representa um salto na qualidade de vida, um avanço para as relações entre seres humanos e natureza, com respeito e equilíbrio, colocando a vida no centro do debate.

Sua proposta contra hegemônica, Guzmán (2001) estabelece uma relação dialógica horizontal, valorizando os sujeitos e sujeitas que historicamente viveram a margem, os saberes, os ecossistemas e as culturas, rompendo relações de poder, imbricadas em todas as esferas.

E nesse trilhar, entre romper e reconstruções, estão às mulheres, Guardiãs da vida e da biodiversidade, detentoras de conhecimentos ancestrais e práticas milenares, e que estão e são presentes em todas as atividades da agricultura familiar, sejam elas agrícolas ou não, produtivas ou improdutivas, porém, pouco reconhecidas ou valorizadas.

Dona Hilda, da comunidade de Alvoredo, é mãe de 03 filhos, dentre tantos expertises é “sabedora” da produção de vassouras de palha, ao narrar seus afazeres ela conta “Eu vou pro mato, ranco a pindoba, pego, tiro os cabo de frecha [...] lavo as frecha, terminar, venho faço as bassoura, e a luta é essa do dia...” em relação a agroecologia, ela afirma sobre



“não colocar produto nas hortas [...] muito importante, por que é bom pra saúde da gente [...] são doentio [...] alguns bota até produto pra não crescer os mato...”

Perceber as mulheres e seus papéis dentro deste contexto é reconhecê-las enquanto protagonistas na luta em colocar a Agroecologia no centro da economia política, para além do cuidado com a terra, está vinculado com o bem estar da família e da comunidade, preservando e repassando saberes e/ou valores culturais, medicinais e sociais. É também contribuir para superar o discurso de subalternidade, e derrubar um projeto político, cultural e social que visa excluir e silenciá-las.

Dona Jonalice da comunidade de São Lorenço em Riachão, conta da importância das redes e do MOC em sua vida e de como os espaços de formações contribuíram para que ela pudesse se perceber no mundo, possui um quintal produtivo, espaços que se destacam pela diversidade na produção e participa da feira agroecológica no município, e do grupo de produção, em seus relatos afirma que entre uma formação e outra ela e mais 14 mulheres do grupo, vão assumindo o papel de oferecer alimentos saudáveis para a família e a comunidade



“... a gente sabe que tá produzindo saudável, que a gente pode comer e passar pra qualquer criança e pra qualquer pessoa [...] a gente tamo por aqui na nossa lida, juntamente com essas muié, para dar sustentabilidade às famílias...”

Dona Eunice, moradora do distrito de Salgadália, no município de Conceição do Coité é mãe de 04 filhos, nos fala que



“... O que puder comer de natural, eu faço de tudo pra comer, tem algumas folhas quando chove que é muito boa e a gente faz dela alimento também, como a língua de vaca, o bredo, a gente faz alimento dessas folhas também, por que a gente sabe o que tá comendo e eu só compro mesmo, aquilo que não tem como eu produzir...”

Todos esses relatos só reforçam o quanto o protagonismo das mulheres além de engradecer as organizações e repensar um projeto igualitário de sociedade, mudando toda uma lógica hierárquica das relações fazendo valer o lema; Sem feminismo não há agroecologia! Ou como reforça dona Eunice “Mulher tem direito, sim! Mulher tem precisa tá na sociedade, sim! Mulher não é nenhum objeto de pé de fogão e muito menos de prazeres sexuais de alguns homens [...] mulher tem que viver ao lado com os homens e não na sombra do pé como antigamente!”